

AUTOMUTILAÇÃO E ADOLESCÊNCIA

SELF-MUTILATION AND ADOLESCENCE

¹AKKARI, Marina Oliveira; ARANA, Giseli Silva; GARROTE, Gabriele dos Santos; IRIE, Kelly Tatiana; PIMENTEL, Andréa Ferreira; VIANA, Taila Taine; XAVIER, Silvina Soares; ²MACHADO JÚNIOR, Luiz Bosco Sardinha.

^{1e2}Departamento de Psicologia – Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos- Unifio/FEMM

RESUMO

A automutilação é fenômeno caracterizado por se infringir ferimentos ao próprio corpo, de forma deliberada, sem visar a retirar a própria vida. A relação do fenômeno com a adolescência tem sido pesquisada, pela verificação de sua recorrência. A hipótese que encontramos em nosso levantamento bibliográfico é a de uma falta de sentido vivida, relacionada à sensação de desamparo. O ferimento auto-inflingido seria tentativa de aliviar a dor e dar algum sentido ao próprio sofrimento. Apontamos a necessidade da escuta qualificada, que promova o acolhimento ao sofrimento e a produção de sentidos sobre a própria vida.

Palavras-chave: Automutilação; Adolescência; Psicanálise.

ABSTRACT

Self-mutilation is a phenomenon characterized by deliberately inflicting injuries to one's own body, without aiming at taking one's own life. The relation between the phenomenon and adolescence has been investigated, because of its recurrence. The hypothesis we found in our bibliographic survey is that of experience a lack of meaning, related to feeling of helplessness. The self-inflicted wound would be an attempt to relieve pain and give some meaning to the suffering itself. We point out the need for qualified listening, which promotes the acceptance of suffering and the production of meanings about life itself.

Keywords: Self-Mutilation; Adolescence; Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

A prática de se automutilar tem atraído a preocupação de psicólogos, professores, pais, entre outras pessoas preocupadas principalmente com adolescentes que a praticam. Há uma necessidade de se buscar compreender os motivos que podem levar o indivíduo a praticar esse ato.

A adolescência, com suas constantes transformações, acaba por se tornar alvo de risco em potencial. Na *Internet* é possível se deparar com adolescentes que tornam públicos seus comportamentos automutiladores, seu próprio sofrimento e suas dores. A automutilação pode ser reproduzida como uma forma de resolver problemas, trazendo uma sensação de alívio momentâneo.

Os adolescentes acabam enfrentando períodos de instabilidade, buscando identificações, não percebendo o real risco que correm com a realização da automutilação em com a exposição de seus ferimentos, que alguns fazem pelas redes sociais.

Segundo Henriques (2018) há uma enorme necessidade de pesquisa sobre o assunto, para uma compreensão de maior abrangência deste fenômeno na atualidade e no Brasil. Também se faz necessária uma troca de experiência entre os profissionais de saúde mental para que haja uma reflexão crítica.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado levantamento bibliográfico junto a base de dados *SciELO*, com as palavras-chave “automutilação”, “adolescência” e “psicanálise”. Os artigos que abordavam ao menos dois dos temas expressos nas palavras-chave foram selecionados para uma leitura sistemática, porém não estatística, sem utilizar ferramentas de contagem de palavras ou similares.

Conforme categorização proposta por Gil (2002), trata-se de uma pesquisa exploratória, que visa proporcionar maior familiaridade com o objeto, podendo ajudar a elucidar alguma direção posterior para pesquisa. Dentre as possibilidades para essa modalidade de pesquisa, selecionamos a pesquisa bibliográfica, que permite aproximação a um grande volume de informações dispersas e pode ser representativa de diversas posições a respeito de um mesmo problema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A automutilação adquiriu posição de crescente evidência no campo científico nas últimas décadas. Encontra-se presente em diagnósticos como: Transtorno da Personalidade Borderline, pacientes psicóticos, intoxicação ou abstinências de substâncias, Transtornos Neurocognitivos, em alguns casos, no TOC, podendo ocorrer na Tricotilomania, Transtorno de Escoriação e no Transtorno do Masoquismo Sexual (FIRST, 2015).

Segundo Borges (2012), os termos utilizados para nomear o fenômeno prejudicam sua compreensão, podendo interferir em avaliações e intervenções. Os conceitos mais utilizados atualmente definem a automutilação ou autolesão não suicida

como qualquer ato intencional e repetitivo de agressão do próprio corpo, excluindo a intenção consciente de suicídio e atos que sejam aceitos dentro da própria cultura.

O comportamento de automutilação é uma prática de autodestruição do sujeito para com seu corpo. São pequenas lesões, que podem começar com arranhões na pele com a unha, passando para lesões com uso de objetos cortantes, que provocam cortes superficiais, geralmente em braços e pernas, partindo para lesões cada vez mais graves (VIEIRA; PIRES, PIRES, 2016). As automutilações podem aparecer de diversas formas e graus, sendo superficiais, moderadas ou profundas. As lesões profundas aparecem como a introdução de corpo estranho no organismo, a castração, entre outras.

A automutilação acontece quando a angústia toma conta da subjetividade, fazendo com que um mal-estar se instale e as marcas da angústia sejam transferidas para o corpo e sentidas na pele através dos cortes, aliviando momentaneamente o sofrimento.

Azevedo e El Bizri (2014, p. 4) compreendem o fenômeno a partir das seguintes considerações:

O corpo constitui [...] o primeiro meio de contato com o mundo, mesmo antes de existir um “Eu”, ou seja, o corpo preexiste ao “eu”. Isso não implica em afirmar que a linguagem verbal seja de importância menor em relação à comunicação corporal, posto que o universo da linguagem verbal se encontra constituído mesmo antes da chegada da criança ao seio familiar.

A linguagem é o que insere o indivíduo no universo simbólico, possibilitando a construção de sentidos sobre si mesmo e sobre o mundo. A angústia se sobrepõe a esses sentidos que poderiam expressar a verdade do sujeito. Isso pode levar a esses transbordamentos somáticos, expressando a dor sem nome através dos cortes no próprio corpo.

A pessoa se corta e sofre em silêncio, representando suas angústias em cicatrizes pelo corpo, fazendo um deslocamento da dor interna psíquica, para a dor física (AZEVEDO; EL BIZRI, 2014). A automutilação é uma dor silenciosa que não encontra apoio em palavras. A dor acontece quando não há mais o suporte, quando não há mediação possível através das palavras, rompendo os dispositivos de proteção do psiquismo (PONTALIS, 2005).

A automutilação seria o recurso de um sujeito em estado forte de angústia e despersonalização, com conseqüente distanciamento do próprio corpo. Este seria o modelo de um corpo estrangeiro, quase informe, e a automutilação caracterizaria uma

tentativa de refundar a continuidade da vivência do corpo próprio o (DOUVILLE, apud FORTES; MACEDO, 2017).

Os autores Cedaro e Nascimento (2013) compreendem a automutilação como o ato de se ferir intencionalmente, porém não consideram que tal ato esteja relacionado ao suicídio de forma consciente, independentemente do nível da automutilação, seja moderada ou profunda. O sujeito que pratica a automutilação procura por algo que o faça se sentir vivo ao se livrar de suas frustrações e alívio por se livrar do sofrimento psíquico (VIEIRA; PIRES, PIRES, 2016). O suicídio seria uma tentativa de saída, com a extinção de todos os sentimentos, enquanto a automutilação é a forma encontrada pelo sujeito de atenuar a angústia, buscando bem-estar.

Há adolescentes que têm enxergado a automutilação como um recurso para amenizar o sofrimento psíquico, de modo que essa prática pode ser verificada no dia a dia escolar, por exemplo. Deste modo o adolescente se vê cada vez mais fragilizado diante das diversidades da vida, e vai em busca de algo que alivie a sua angústia, mesmo que seja momentaneamente. Ela pode se tornar cada vez mais constante, pois o alívio da dor se revela passageiro, constituindo-se em uma prática similar a um vício, em alguns casos relatados. (FORTES; MACEDO, 2017).

É comum que adolescentes se encontrem em uma fase de não reconhecimento de si, de forma que se deparam com dificuldades de expressar verbalmente o seu sofrimento e há um movimento em direção para o seu próprio corpo como forma de resolução de conflitos. Aqueles que praticam automutilação não mencionam qualquer tipo de dor física ao cometê-la, e sim um momento de alívio da dor. Normalmente ocorre em partes escondidas do corpo, para que essa não seja notada pelos pais ou cuidadores. Quando são descobertos por familiares, não demonstram qualquer forma de arrependimento ou tristeza diante do ato cometido (FORTES; MACEDO, 2017).

Os conflitos vividos na adolescência estão entre os principais fatores da automutilação, o que não quer dizer que todo adolescente seja propenso a cometê-la. Esse comportamento está aliado a um sofrimento psíquico que não consegue ser verbalizado pelo adolescente, acompanhado de isolamento, pois o mesmo tem a sensação de abandono, sentindo não ser ouvido.

Segundo Graber (2016), a adolescência pode se apresentar como:

Um ciclo de confrontos e atitudes desafiadoras que exigem resignação por parte de pais e professores para lidar com a labilidade emocional presente nesta fase, a comunicação dentro da família pode ser difícil e a frustração pode dominar intensamente o adolescente neste período.

Adolescentes que se sentem isolados podem acabar por encontrar apoio nos vínculos criados em grupos de redes sociais virtuais. Estes favorecem identificações por faixa etária e sintomas, troca de experiências e apoio emocional que aliviam momentaneamente os sentimentos de solidão, mas podem acabar se constituindo em incentivos a comportamentos de risco. Nestes grupos, também são expostos casos de ídolos famosos que sofrem do transtorno, as formas e instrumentos que os adolescentes utilizam para se autolesionar, bem como os sentimentos que envolvem este ato.

Segundo Silva e Botti (2018), o afastamento dos pais devido ao trabalho e a necessidade da permanência de cuidadores, provocam no adolescente uma solidão afetiva e uma necessidade de pertencer que é preenchida por modelos identificatórios, ídolos encontrados em todas as mídias de comunicação que servirão de exemplo de valores.

A modernidade proporcionou novas tecnologias, dentre as quais o uso da *Internet*, que tem causado mudanças significativas na forma como as pessoas vivem e se comportam diante das mais diversas situações. Entretanto, trouxe consigo grandes mazelas à sociedade. A *Internet* pode ser utilizada tanto para tratar questões de grande relevância social, quanto para dar espaço a criminosos que rastreiam crianças e adolescentes incapazes de perceber os perigos existentes nessa ferramenta, no intuito de saciar suas curiosidades e impulsividades. (EISENSTEIN; ESTEFENON, 2011).

CONCLUSÕES

Para Calligaris (1989), a psicanálise tem como base a escuta do sujeito que sofre, então o sujeito não deve ser visto como apenas um corpo. Deve-se prestar a escuta qualificada, com empatia e a finalidade de ajudar a esse sujeito que sofre, e que por consequência de seu sofrimento acaba cometendo o ato de se mutilar.

Essa escuta não é tarefa simples. Reis (2018), enfatiza que isso ocorre porque envolve uma sondagem clínica ampla com relação às etiologias dos sintomas. É nesse espaço clínico que confronta-se com as nuances do sofrimento na qual a diversidade semiológica desencadeia desconforto, e se torna assim de maneira considerável e desafiante com relação à intervenção psicoterapêutica, porque não basta apenas investigar somente o fenômeno sintomático, mas sobretudo a impulsividade e à compulsão à repetição, isto é, as forças pulsionais que ocasionam a produzir e conduzir o indivíduo a repetir o ato sintomático.

As psicoterapias, em especial a psicanálise, sustentam a verdade do sujeito. Não se tratando de uma verdade absoluta, mas apenas da verdade do sujeito que sofre. Os cortes na pele não são para atrair olhares e chamar atenção. Esses cortes são uma válvula de escape para as dores psíquicas. (REIS, 2018).

Para Vilhena e Prado (2015), a importância que é atribuída a dor corporal nos casos de mutilação remete aos primórdios da psicanálise, à histeria, lugar onde o sofrimento psíquico dirige-se ao corpo, desta forma o que especifica os sintomas de conversão é a sua significação simbólica, em que exprimem pelo corpo as representações recalçadas.

Frente ao exposto referente a automutilação, percebe-se na contemporaneidade os ferimentos auto-infligidos como ritual instaurado nas lógicas fragmentárias da pós modernidade, que podem impossibilitar a atribuição de sentidos.

Entende-se que precisamos convidar o sujeito que sofre à escuta, para que possa produzir uma narrativa sobre si mesmo e superar o ato doloroso da automutilação, reconhecendo-se como pessoa, acolhida e ouvida pela presença do psicoterapeuta (FORTES; MACEDO, 2017).

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, J. F. B.; CHATELARD, D. S.; CARVALHO, I. S.; VIANA, T. C. O corpo na dor: Automutilação, masoquismo e pulsão. **Estilos clínicos**. v. 21. n. 2. p. 497-515. São Paulo. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v21n2/a12v21n2.pdf>>. Acesso em: 10. abr. 2020.
- AZEVEDO, M. M. A.; EL BIZRI, Z. R. **Self cutting: Uma visão psicanalítica sobre os transbordamentos pulsionais no corpo**. 2014. Disponível em: <http://www.psicopatologiafundamental.org.br/uploads/files/vi_congresso/Mesas%20Redondas/95.3.pdf>. Acesso em: 10. abr. 2020.
- BORGES, Carolina Nunes Leal de Oliveira. **A Flor da pele**: algumas reflexões a propósito de um estudo de caso sobre autolesão. 2012. Tese de Doutorado. ISPA-Instituto Universitário.
- CALLIGARIS, C. **Introdução a uma clínica diferencial das psicoses**. Artmed. Porto Alegre. 1989. Disponível em: <<https://psiligapsicanalise.files.wordpress.com/2014/09/calligaris-contardo-introduc3a7c3a30-a-uma-clc3adnica-diferencial-das-psicoses.pdf>>. Acesso em 14. abr. 2020.
- CEDARO, José Juliano; NASCIMENTO, Josiana Paula Gomes do. Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilação. **Psicologia USP**. São Paulo, v.24, n.2, p. 203 - 223, agosto de 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642013000200002&script=sci_abstract&tlng=pt> acesso em 16 de abril de 2020.
- CUKIERT, Michele. Considerações sobre corpo e linguagem na clínica e na teoria lacanianiana. **Psicologia USP**, 2004, 15(1/2), 225 – 241.
- EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana B. Geração Digital: riscos das novas tecnologias para crianças e adolescentes. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, Uerj, v. 10, p. 42-53, 2011.
- FIRST, Michael B. Manual De Diagnóstico Diferencial Do Dsm-5. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- FORTES, Isabel; MACEDO, Mônica Medeiros Kother; Automutilação na adolescência – rasuras na experiência de alteração. **Psicocogente Barranquilla**, v. 20, n. 38, p. 353 – 367, Dez de 2017. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-01372017000200353&lang=pt> acesso em 16 de Abril de 2020.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4a ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GRABER, E.G. **Desenvolvimento do adolescente. Sydney Kimmel Medical College**, ago 2016. Disponível em:

<https://www.msmanuals.com/pt/profissional/pediatria/crescimento-e-desenvolvimento/desenvolvimento-do-adolescente>. Acesso em: 04/04/2020.

HENRIQUES, Rebeca Louise Santos Paula. A automutilação nas políticas públicas de saúde mental: um olhar através do biopoder e sociedade disciplinar foucaultiana. **Pretextos-Revista Da Graduação Em Psicologia Da Puc Minas**, v. 3, n. 6, p. 172-189, 2018.

PONTALIS, J. B. **Entre o sonho e a dor**. São Paulo: Ideias e Letras, 2005.

REIS, M. N. Automutilação: O encontro entre o real do sofrimento e o sofrimento do real. **Polêmica - Revista eletrônica da UERJ**. v. 18. n. 1. p. 50-67. Rio de Janeiro. 2018. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/viewFile/36069/25688>>. Acesso em: 10. abr. 2020.

SILVA, Aline Conceição; BOTTI, Nadja Cristiane Lappann. **Comportamento autolesivo ao longo do ciclo vital: Revisão integrativa da literatura**. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, Porto , n. 18, p. 67-76, dez. 2017 . Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1647-21602017000300010>. acessos em 20 abril 2020.

SILVA, A.C.; BOTTI, N.C.L. Uma investigação sobre automutilação em um grupo da rede social virtual Facebook. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**. Ribeirão Preto, (Ed. port) v.14, n.4 out./dez.2018. Disponível em:http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000400003. Acesso em 04/04/2020.

VIEIRA, Marcos Girardi; PIRES, Marta Helena Rovani; PIRES, Oscar Cesar. Automutilação: intensidade dolorosa, fatores desencadeantes e gratificantes. **Rev. Dor, São Paulo**, v.17, n.4, p. 257 - 260, dezembro de 2016. Disponível em <<https://doi.org/10.5935/1806-0013.20160084>> acesso em 18 de abril de 2020.

VILHENA, M.; PRADO, Y. Z. C. Dor, angústia e automutilação em jovens – considerações psicanalíticas. **Adolescência e saúde**. v. 12. n. 2. p. 94-98. Rio de Janeiro. 2015. Disponível em: <<https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v12n2a12.pdf>>. Acesso em 14. abr. 2020